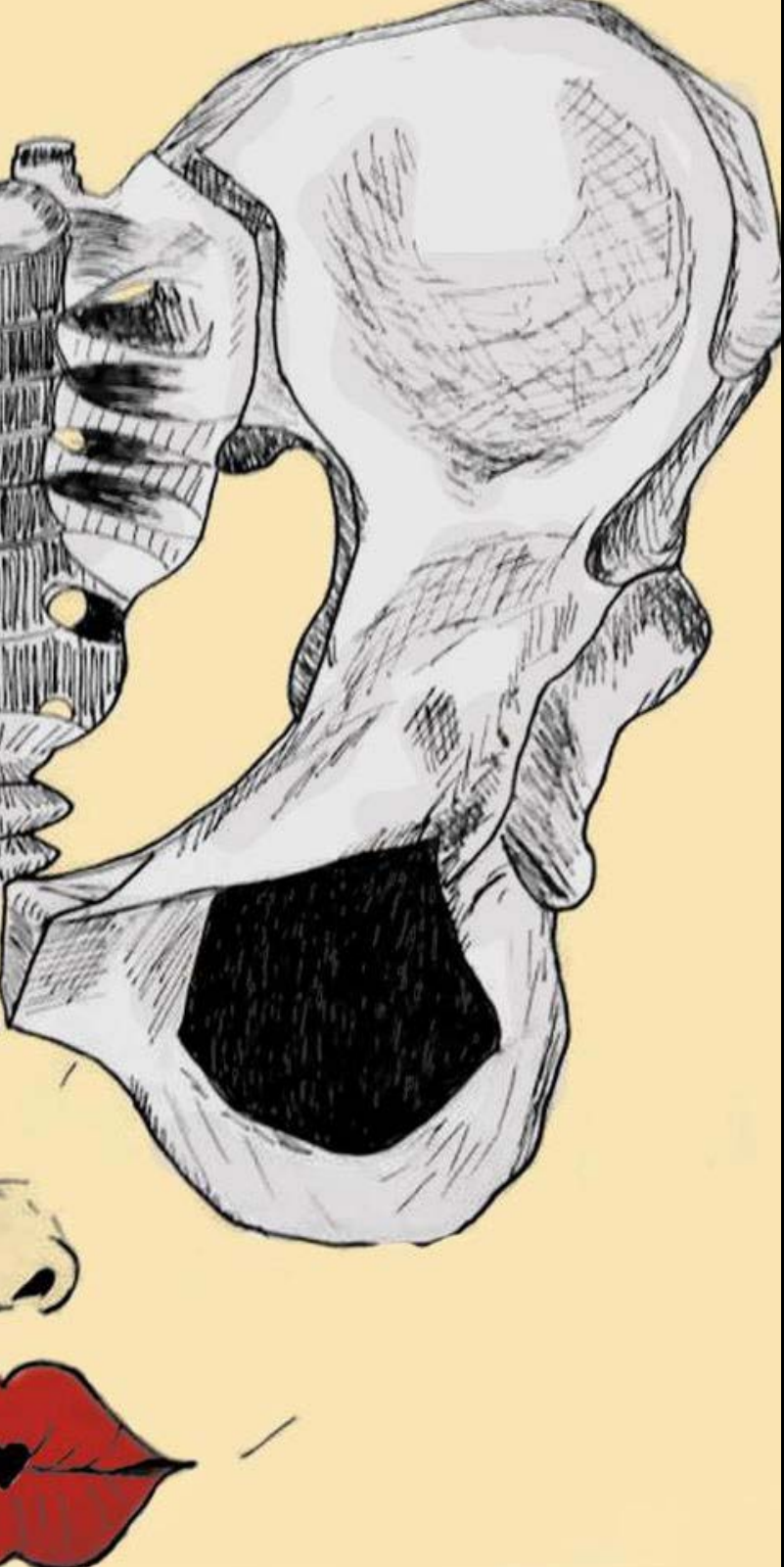




Cinema Portfolio

Cláudia Resem

~~Contos~~

A disputa

11:50 é a hora da alegria. É a hora que o sinal da escola toca.

TRIM. TRRIIMM.TRRRRRRIIMMMMMMM.

-Liberdadeeeeeeee!

Esse era o som mais, deliciosamente, ensurdecador que eu poderia ouvir ao longo do dia. No primeiro estrondo, eu tasco minha mão na alça de minha mochila.

- Tá um calor da porra, né não?! Diz Binha, sentada logo atrás. Vou correr pra mainha e pedir um geladinho de siriguela.

Como sempre, em Salvador, pra lá de seus 45 graus, geladinho era permitido antes do almoço.

O segundo sinal é uma eternidade que só.

- Ô disgrama que não toca nunca! Tá quase na hora da Família Dinossauro. Já tô até sentinu as gotas de suor escorrenu pela minha barriga. Ôxe... E essa camiseta de uniforme que eu ja nunguento mais. Tá mais amarelada do que cabelera de Carla Perez, de tanto cêcê cumulado.

Dona Claudemira percebe meu agito e já começa a berrar.

- A aula ainda não acabou hein! Vocês só vão sair quando EU mandar!

Ô véia chata da porra viu.

Olho pra janela e vejo Nando saindo. Massa! Se a terceira já foi liberada, eu tô quase lá.

E finalmente toca o terceiro sinal: Trimm!

- Ô meu amô. É Baêa porra!

No “tr”, eu disparo de minha cadeira, como um coelho que foge do cão, pela sala de aula, desvio das cadeiras com muita agilidade e agora, como um foguete, ultrapasso Dona Claudemira antes mesmo de ela conseguir chamar a primeira letra de meu nome. Alcanço as escadas e já começo a sentir aquele cheirinho gostoso do acarajé de Dinha, baiana que fica logo na esquina da rua. Sim. Pra mim, o cheirinho do acarajé de Dinha é a pimentinha de cheiro da minha liberdade diária. É o que me faz ter certeza que não serei mais pego pelas garras de Dona Claudemira. É...Mas agora é hora de ir pra casa.

Para que você entenda melhor.... Rapaz... aqui na Rua da Poeira, meio dia é hora sagrada! Pelo menos de Segunda à Sexta-Feira, quem não vê a Família Dinossauros, não é bala. Não tem história pra contar no fim do dia.

E finalmente chego em casa. Com as bochechas cor de pitanga e com o uniforme mais fedido do que uma partida de baleado, mas ainda assim, com o sorriso estampado no rosto.

-Cheguei, mainha!

Abro a porta da sala e lá está ela. Raquel. Terror das minhas tardes.

Todo o dia era sempre a mesma reza.

Todo o dia, sempre igual. Mainha me olha de canto, e de costas pra Raquel fala:

-Vocês que se virem.

Raquel tem pelo menos uns 10 metros a mais do que eu e pesa 1 tonelada. Ela fica o dia inteiro na frente da tv pra ver uma banda que só toca a mesma música. Mmmmbop Tchubirapadupa. Sei lá. Os Ransu ou alguma coisa assim. Ela diz que ainda vai casar com o cara que canta. Apesar de que eu ainda acho que não é um cara. É uma menina. Mas enfim, o fato é que ela fica o tempo todo vendo a MTV, sempre na espera do maldito videoclipe que passa todos os dias, a cada 2 hrs. O mesmo videoclipe. Sempre. O-dia-todo. Enquanto eu, só posso ver a Família Dinossauros ao meio dia.

-Raquel! É a minha vez de assistir tv!
-Não! Se saia, muleque. Vai passar o clipe dos Hanson daqui a pouco.
-Pá porra, você! Essa miséria passa o tempo todo! Passa o controle que é a minha vez!
-Já falei pra você, muleque! Se saia! E além do mais, antes dos Hanson tem o Beavis and Butt Head.
-Mentirosa! Esse daí só passa de noite! Main-haaaaaaaaaa! Ôpaí ó!
Mainha olha de novo, não fala nada e vai pra cozinha. Raquel continua sentada, com os olhos grudados na tv. Enquanto o controle continua ali. Sozinho e desamparado. Dando sopa do lado dela.
Raquel continua sentada, com os olhos grudados na tv. Enquanto o controle continua ali. Sozinho e desamparado. Dando sopa do lado dela.
avaleiros do zodíacos que aprendi na semana passada e, assim, recuperar os meus poderes para lutar contra o mal.... Raquel.

Zaaapppp!!! Tá na mão! E o rei finalmente recupera o seu poder!
Raquel se volta pra mim como um dragão, cheia de fogo nos olhos, mas antes que ela solte sua baforada avassaladora, eu mudo o canal e...
Tela escura, tudo apagado. De repente minha vida entra no mute. Tudo fica em câmera lenta. A tela escura se distancia lentamente, os gritos de Raquel em meu ouvido vão ficando abafados, eu acho que vou desmaiar....Volto a escutar
-Você quebrou a televisão sua peste! Agora ninguém vai ver mais nada. Culpa sua!
- Nãoooooooooooooooooo!

Amanhã é um dia muito especial. Começo o meu primeiro dia de trabalho. Advocacia. Orgulho da família. Por isso, me sinto tão ansioso por aguardar o dia de amanhã. Afinal, foi tudo muito difícil. Foi um processo longo e de muito trabalho árduo. Segui todas as orientações e demandas de papai para me tornar quem, a partir de amanhã, me tornar-irei. O seu modelo perfeito. Amanhã será um dia muito especial. O dia em que serei alguém. Minha primeira segunda-feira. Primeira de muitas. Advogado Manuel.

Segunda-feira:
Tenho uma sala enorme. Paredes brancas, móveis em madeira rústica de tom escuro e alguns quadros de pintores de paisagens, talvez famosos, criando uma composição um pouco desarmônica, na busca de uma harmonia ditada pela Espada de São Jorge, que obviamente, encontra-se posicionada na entrada, como forma de evitar possíveis maus olhados para a minha esplêndida carreira da qual hoje se inicia. Eu, Advogado Manuel.

Terça-Feira:
Me sinto tão feliz. Todo o dia é um novo dia. Percebo coisas novas na minha sala magnífica. Ao chegar, havia uma placa dourada pregada em minha porta. Nesta placa, estava gravado a seguinte frase: “Manuel Ribeiro de Albuquerque Advocacia - Causas Criminais”
Orgulho da família. Orgulho de papai.

No Daily News

Ei, Sr. Pandeiro.

Quarta-Feira:
Sou um homem abençoado. Além de ter uma sala enorme, com quadros, móveis em madeira rústica, uma planta “mágica” que me protege e uma placa com meu nome, agora tenho também um sofá em couro preto e algumas garrafas de Whisky que destacam a potencialidade de minha carreira.

Ei, Sr. Pandeiro. Sou apenas um rude palhaço a segui-lo.

Quinta-Feira:
Mais um dia maravilhoso em minha carreira esplêndida. Ao chegar em minha sala maravilhosa, sou recebido com uma xícara de café espresso, trazida pela minha mais nova secretária pessoal. Michele. Loira, cheia de curvas. Muito talentosa. Sou um homem de sorte. Orgulho da família. Orgulho de papai. Homem com H.

Ei, Sr. Pandeiro. Meu cansaço me espanta. Estou plantado por meus pés.

Sexta-Feira:
Sexta-Feira não me parece muito agradável. Me parece ser um fim. Fim de uma semana. Da primeira semana da minha carreira esplêndida que se inicia. Mas não tem problema. Sexta-Feira é dia de convidar a minha nova secretária para tomar um drink. Um drink com o Advogado Manuel.
Interfono, Michele entra em minha enorme sala. Em sua mão, um brilho reluzente pousa em seu dedo esquerdo.

Mas não tem problema. Lhe ordeno uma xícara de café espresso imediatamente. E me perco em minha janela. Sim, tenho uma janela...

Ei, Sr. Pandeiro. A antiga rua está muito morta para sonhar.

Sábado:
Chove. Visto o meu casaco azul.

Domingo:
Chove e faz frio.

Segunda-Feira:
Tenho uma janela. Tenho uma sala. Tenho uma secretária. Tenho uma placa dourada. Sou Manuel - O Advogado. Orgulho de papai.

Terça-Feira:
Tenho uma janela. Tenho uma janela! No décimo-quinto andar.

Ei, Sr. Pandeiro. Me faça desaparecer através dos anéis de fogo de minha mente.

Quarta-feira:

...

Pela manhã, um jornal é colocado sobre a mesa de Manuel. Desta vez, quem senta à mesa é o orgulho de papai. Não o Manuel.

Desta vez o Manuel se atrasou. Perdeu o horário pois resolveu utilizar um de seus “bens”. A sua janela do décimo-quinto andar. E em um salto, pôs fim na carreira e na vida que gerava tanto orgulho para papai e sua família. Mas que para ele, lhe deixava dúvidas. Manuel, saiu da janela do seu esplêndido escritório direto para o Dayly News. Virou manchete de capa de jornal. Que maravilha! Homem ilustre este Manuel. Orgulho da família. Orgulho de papai. Até na morte, ele é notícia.

Hey ! Mr Tambourine Man, play a song for me

Profundezas do consciente

Estamos juntos, meu bem, nesse quarto escuro. E enquanto o nosso amor se dissolve, 52 kilogramas de carne nua e crua discorrem rumo à porta num longo ganido. Sem esperanças. Lá fora só resta a escuridão sombria da solidão. Companhia, meu amor, você encontra aqui. Mas por um certo preço... Bem, mesmo que estivesse essa tal esperança, lá fora, vivemos no mundo dos mudos. O que fazer?
Levanto-me. E um puxão em meus cabelos levam-me novamente ao solo. Sinto alguns fios serem arrancados e alguns chumaços se espalharem pelo chão. Uma auto-reação muscular envolve o meu pescoço, como uma trava ou uma espécie de força, tornando-o petrificado. 1 segundo, 1,1 segundos, 1, 23 segundos, 1,5 segundos.... para mim, uma eternidade, mas foi tudo em menos de 2 segundos. Foi o suficiente para que uma possível saída se tornasse uma prisão. A minha prisão. Tudo se distanciava lentamente. Senti o seu joelho pressionando o meu pulmão direito.
- Está muito forte. Está sufocando. Para! Me solta!!! Por favor... Meu coração que há segundos atrás denunciava uma maratona, agora se acomoda em um descanso ritmado: Pa tun... ...Pa tun tun... Pa.... Pa tun.... como quem escuta uma canção de ninar, abraçando em uma tentativa frustrada, o pouco de ar que ainda circula por sua vizinhança torácica.

Num blur de misturas de esvaecer e lágrimas, minha visão se torna cada vez mais turva. Ainda escuto o som da tua voz. Agora meio abafado e distante:
- VAGABUNDA!

Mas ainda o escuto bem.
Tum! Sobre um chão branco e de flores gélidas, minha boca agora é pressionada. Devo beijar as flores das quais pisei? Não sei. Acho que sim.
A pressão do seu joelho varia de posição, deslizando pelo meu dorso como um novo método de massagem medieval. Na escuridão, ainda consigo puxar um pouco de uma mistura de muco, poeira, oxigênio e suor. Sinto um gosto de sal que se delícia por entre os meus dentes, escorrendo até a minha garganta seca. Meus dentes trincam naquele azulejo branco com detalhes de peônia, deixando uma mistura de cacos vermelhos da tinta do azulejo com o vermelho do sangue. Do meu sangue. Sangue... Peônia... Pra quem não sabe, a Peônia é uma flor do oriente que apresenta uma coloração avermelhada. Inspiração para uma tatuagem que resolvi fazer em meu corpo. Seria então, esta, uma pré-visão? Seria este o meu fim? Seria este então, o nosso fim?
Ah, o Oriente...Terra Dourada! Ja me sinto a caminho... Blackout!
Sinto uma luz forte e esbranquiçada penetrando o meu rosto. Começo a abrir os olhos lentamente. Mas não consigo ver. Tudo ofuscado. Tudo que vejo é uma mistura de borrão branco-esverdeada e um ponto luminoso que impera sobre minha cabeça.
Dor. Muita dor. É uma dor aguda. Lateja. Pula. Não para. Nunca.
Percebo que estou deitada. E ainda, muita dor. Essa segue em frente, sem dó. Com força. Sem dor.
Meu corpo está paralisado. Viro o meu rosto levemente para a minha direita e visualizo uma figura humana, assim, meio borrada. Consigo perceber a cor preta do cabe-

lo, a pele de tom bege, médio-claro, e uma mancha branca que possivelmente deve ser o lençol. Essa figura encontra-se deitada na cama ao lado. Está perto de mim. É um homem.

Em um súbito ofegante, junto à uma série de contrações musculares que sucumbe como uma sirene, eu emito um som longo que se mistura em um canto de lamúria e desespero:

-Não! Por favor. Não me bate. Não me bate mais.

-Pega a morfina! Rápido! Aplica a morfina nela! Rápido! Me transformo em um mar de lágrimas. O choro, que normalmente remete ao alívio da tensão, torna-se agora o meu desespero. Minha visão, cada vez mais turva e uma forte sensação de inverno deita sobre mim. Meu corpo treme como Parkinson, de forma ritmada e insistente. São espasmos do frio. Cada tremida é uma faca cortante. Dilacerante. Quero fazer o meu corpo parar. Muito. Não consigo. Dói! Dói muito!

O homem da cama ao lado começa a falar:

- Calma menina! Ninguém aqui vai te bater não... Tá maluca?

Minha cabeça tá confusa. Não to mais entendendo. O que ta acontecendo porra? Onde eu to? Me tira daqui! Eu choro, choro, choro...o choro se mistura com soluço. Cada tremida é mais um choro. Cada soluço é mais uma tremida. Mais uma dor.

-Eu to com frio! To com muito frio! (o queixo bate enquanto fala)

-Quantas miligramas você aplicou?

- 30 mg. Apliquei a dose máxima. Agora é só esperar.

Os espasmos de frio começam a cessar lentamente.

E junto a dor física se esvai. Por momentos começo até a esquecê-la. Por momentos, que não sei quão longos. Quanto irá durar? Minha visão clareia. Aos poucos vou me situando e codificando o lugar. Estou em uma sala iluminada. Com três pessoas deitadas em macas. E uma delas sou eu. Ok, ficou claro que ninguém vai mais me bater. Pelo menos por enquanto.

Meu corpo paira sobre uma enorme interrogação que me retribui com um sinal para silenciar-me. Me sinto flutuar. Como quem deita na superfície do mar e se deixa levar pela água. Agora sou eu. Deixo meu corpo boiar para onde o mar quiser me levar. Dessa vez não vou mais lutar. Vou nadar e boiar até onde o mar quiser me levar. Ôlaiá. Sereia do mar.

De repente um terremoto me faz afundar. Não, não é nada. É apenas uma mão sacudindo meu ombro. Uma voz feminina dessa vez.

-Acorda minha filha. Você está atrasada para o seu primeiro dia de aula.

Verdade. Este seria o desfecho perfeito para mais um filme clichê. Mas não foi assim que aconteceu. Sim, eu realmente acordei em uma cama de hospital. Tive delírios do pós operatório. Não sei se por causa da dor que sentia. Física ou emocional. Talvez os dois.

Engana-se meu caro, se você pensou que o motivo de estar lá foi por ter sofrido agressão doméstica. Eu sei que pedi para que não me batessem, mas acho que tudo isso foi parte da dor que sentia. Todos os delírios. Essa dor profunda de te perder. De me sentir culpada e achar que eu realmente merecesse apanhar. De decidir te dizer adeus, sem nunca ter tido a chance de ter te conhecido. Sem nunca ter te dado a chance de ter vivido. A dor de ter que decidir te abortar. Meu filho.

Eleanora

Na metade da ladeira da Baixa do Sapateiro, número 33, morava Eleanora Lady Day. Eleanora vivia em um casarão típico colonial, 3 andares com escadas rústicas de madeira e tintura gasta pelo tempo, que permanecia como patrimônio histórico da região do bairro Saúde, em Salvador. A fachada de sua casa dava a impressão de ser pequenina. Os detalhes da arquitetura colonial desaparecia atrás de seu enorme portão de ferro, transeuntes, placas de merchandising e vendedores de CD e DVD pirata que passavam boa parte do dia gritando: “Pague 5 leve 2” ou “Moça bonita não paga, mas também não leva”.

Todo esse turbilhão fazia parte do mais novo cartão postal de Salvador.

Eleanora era negra, alta de corpo eslêneo mas com pernas fortes do sobe e desce diário da Baixa do Sapateiro. Tinha os olhos de cor penetrante. Um tom de preto nos olhos que brilhavam de maneira intensa, especialmente quando eram assumidas as falas do coração. Brilhavam como 1 par de pedras preciosas. Pura Hematita.

Seus cabelos eram compridos compondo uma grossa trança, feita de canecalon dourado, que chegava até a metade da coxa. Digno de uma deusa africana. Muitos diziam que ela deveria ser modelo devido à sua beleza incontestável. Mas Eleanora não dava bola. Pensava: “Ah, mas que bobagem”. Preferia continuar sua vida do jeito que escolheu. E o que ela escolheu era muito maior do que ser paga para sorrir para os outros. Ela escolheu sorrir para o que realmente lhe fazia feliz. Para Eleanora, sorrir não era apenas mostrar os dentes. Isso era apenas um detalhe para ela.

Irmã mais velha de Lorena, se encarregava, diariamente, de levar e buscar a irmãzinha da creche enquanto sua mãe fazia a leva de pão delícia que tinha que entregar toda manhã no colégio Salésiano. Lá, a criançada era de boa família. Os pãezinhos delícia garantiam o banquete especial que as 3, Eleanora, Lorena e sua mãe, saboreavam nos fins de semana: Xinxim de galinha, farofa, caruru e feijão fradinho. Às vezes tinham caldo de sururu, às vezes também tinha vatapá e de quebra, ainda tinha um doce de tamarindo para finalizar. Era um banquete de princesas para celebrar o descanso das deusas.

Eleanora era especial. E ela sabia disso. Eleanora teve o seu corpo fechado no seu sétimo aniversário pela mãe de santo do candomblé da Rua da Glória, onde recebeu um amuleto de proteção. Aquele amuleto, então, lhe protegia de qualquer mandinga. Mas o motivo de ser especial não era porque carregava aquele amuleto. Mas porque carregava a esperança em si. E conseguia compartilhar esse sentimento através do brilho dos seus olhos.

Filha de mãe solteira, ela precisava pensar nas mulheres de sua família. Em sua mãe e em Lorena, que tinha apenas 4 anos de idade.

Todas as manhãs Eleanora, de chinelo, descia a Baixa dos Sapateiros de mãos dadas com Lorena, seguiam à esquerda da capela e, um pouco antes de chegar no Pelourinho, deixava a pequena na creche da tia Diná. Lorena quase sempre chorava na hora de se despedir. Era muito apegada à irmã. Nem o doce olhar da tia Diná e nem o olhar de aventura dos seus amiguinhos da creche lhe acalmavam como os olhos de Eleanora.

Ao contrário, assim que Eleanora a deixava, estes olhares se tornavam um tanto assustadores. Sem comentar que muitas vezes lhe roubavam a merenda. Mas mesmo sabendo disso tudo, ao despedir-se, sentia-se tranquilizada por Eleanora que sempre lhe dizia: Em 4 passarinhos te dou um chêro. Passarinhei, passarinhá, passarinhos.

Seguindo sua rotina, Eleanora subia novamente a Baixa dos Sapateiros, rumo à sua casa. 9:00 da manhã já lidava com um calor de 38 graus. Chegava sempre sedenta. Eleanora entrava na cozinha, beijava sua mãe, lançava o seu olhar profundo em um breve suspiro e iniciavam as duas a confeccionar as centenas de pães delícias.

A esperança era lançada diariamente pelos olhos de Eleanora. A esperança cravada na resistência, na continuidade, na união e no amor que ela lançava por onde passava. Eleanora transmitia força. Vontade de continuar. De aceitar o pôr do sol para receber o seu nascer. O amuleto protegia sua carne. Mas seus olhos transmitiam o que era mais importante. Para Lorena e sua mãe, Eleanora, era realmente uma heroína.

Inocência

Um dia, pela manhã, uma menininha que usava franjinha, trancinhas, vestidinho e sapatinhos vermelhos com meias brancas, me entregou um balão preto. Um balão preto e murcho. Pediu para que o guardasse, alertando para que não o enchesse. Segui o seu aviso por 1, 2, 3 dias... O balão parecia ter um desenho escondido e que murcho, não dava pra ver. Por teimosia ou curiosidade, enchi o balão. Me coloquei a soprar. O balão preto inflou, inflou e inflou. Até que explodiu. E o desenho? O desenho ficou em mil pedaços, dificultando ainda mais a tentativa de identificá-lo. Contudo, no chão branco, me parecia muito ser apenas mais um coração despedaçado.

O inquietante caso do menino camelo

Dormir de lado ou de bruços. Para Lomeca, somente essa duas opções ainda lhe restavam. Noites longas. Diariamente, semanalmente, mensalmente. Anualmente. Diazepam, Tramadon, Torcilac, Morfina e Cafeína. Todo o dia, a mesma rotina. Duas lombadas carregava nas costas. Se acostumara com duas bolsas escuras abaixo dos olhos. Quanto peso para um garoto tão solitário. Se ao menos conhecesse um menino dromedário. Noites em claro, rádio ligado. Para Lomeca, nada mais era postergado. Seu desconforto lhe dava tempo. Tempo para pensar, tempo para observar. Tempo para sentir e não lamentar. Tempo pra essa dor, que nunca vai passar.

Poesias

O suicídio de Evelyn

Corpo de cristo. Mulher.
Beleza perpetuada em um berço de ferro.
Gelada na pele. Vida quente que escorre.
Olhares desconhecidos. Devoradores e contemplativos.
Flashes.
Aqui estou, Empire State.
Aplausos.

Michelle

Michelle olha pela janela de sua sala.
Todas as manhãs ela vê passarinhos cantantes, crianças saltitantes, reflexo do sol brilhante, água do córrego dançante, roupas esvoaçantes, amores errantes, ventos uivantes, frutos quedantes, cachorros pensantes, chuva cortante, tartarugas falantes, vizinhos flutuantes, pedras inquietantes, flores sem antes e tantos outros de ent-antes. Semblante.
Michelle olha pela janela de sua sala.
Michelle não vê nada dentro de casa.

Roteiros

“Siegessäule”

Michelle olha pela janela de sua sala.

1. INT. DOMINO’S PIZZARIA - NOITE

TELEFONE TOCA.
Foco da câmera capta o rosto da atendente.

ATENDENTE
Alô! Domino’s, boa noite!

TRANSIÇÃO

Foco apenas na boca e parte do telefone em que Peter fala.

PETER
Alô! Eu gostaria de 1 pizza tamanho gigante. Vegetaria-
na, por favor.

ATENDENTE
Qual o endereço de entrega? E em nome de quem?

PETER
Mariannenpl. 2 Kreuzberg. Em nome de Sr. Stein. Peter
Stein.

2. INT. SALA DE PETER - NOITE

Após finalizar o pedido, Peter desliga o telefone, levan-
tase do sofá e caminha em direção ao grande espelho
de moldura antiga em madeira com pintura dourada. Ao
lado do espelho, um cabideiro de onde Peter retira sua
jaqueta verde militar e veste-a por cima de sua camiseta
Lonsdale, fechando o zíper até o pescoço.

PETER
(Encarando o espelho e em tom imperativo)
Tobias! Esteja pronto com o colete em mãos e o resto eu cuido. Nós cuidamos...

Sorri com expressão sarcástica
OS PONTEIROS DO RELÓGIO GIRAM. ALGUÉM BATE NA PORTA.

O entregador de pizzas que chega pontualmente.

PETER (CONT'D)
(Fazendo sinal de atenção encarando o espelho)

Um segundo!

Peter abre a porta sem colocar o corpo todo a mostra, pede para o entregador de pizzas colocar a caixa em cima da mesa enquanto ele pega o dinheiro. O entregador de pizzas entra pela porta que dá acesso ao corredor. Há uma mesa lateral, lá, ele deposita a caixa e ao virarse para Peter, sente o peso de uma mão tapar a sua boca de maneira brusca e um forte cheiro de Éter penetrar suas narinas. Sua visão agora confronta 1 par de olhos azuis profundos que o encaram como dois fuzis, sob uma distância de 5 cm. Até que tudo começa a escurecer em uma mistura salpicada por pequenas faíscas esbranquiçadas.

Black out
TRANSIÇÃO

O entregador de pizzas aos poucos começa a recuperar a consciência. Ainda meio confuso e com a visão turva, olha ao seu redor e percebe que está sentado em uma cadeira. Tenta levantar, mas não consegue. Está preso por uma fita adesiva. Sua boca também está atada com a fita adesiva. E agora, um colete preto e pesado encontra-se preso ao seu corpo. Ao perceber a situação, sua respiração começa a ficar ofegante e percebe a primeira gota de suor escorrer pela lateral da testa. Ele levanta a cabeça e em sua frente, sentado em uma cadeira encostada ao fundo na parede, sob a sombra do abajur, há um homem. Este homem é Peter que está de frente para o entregador de pizzas, e agora, com a jaqueta semi-aberta, permitindo a leitura das iniciais “NSDA” que está grafada em sua camiseta Lonsdale. Aos poucos, o entregador de pizzas começa a perceber que é vítima de um sequestro. Seu coração acelera ao ponto de conseguir escutar o próprio batimento cardíaco. TUNTUN TUNTUN TUNTUN TUNTUN. Sua respiração começa a ficar cada vez mais pesada e a situação se torna cada vez pior, por causa da mordança. Com os olhos arregalados como quem se esforça desesperadamente para gritar, um zilhão de coisas passam pela sua cabeça neste momento. Em pensamento, o entregador de pizzas se pergunta repetidas vezes: Porque eu? Porque eu? Peter levanta-se da cadeira e caminha em direção ao entregador de pizzas. O rosto de Peter é iluminado pela meia luz. O entregador de pizzas começa a urinar.

Peter. Careca. 1,95cm. Peso em torno de 120 kgs e uma cicatriz em formato de meia lua, talhada próxima à sombrancelha direita. Peter encara de cima a baixo, analisa a mancha que surge na calça do entregador de pizzas e solta um sorriso no canto do lábio como um sinal de quem já ganhou a batalha. Dá três tapas de leve no ombro do entregador de pizzas e finge ignorar o acontecido.

PETER
Escute com muita atenção o que vou lhe dizer. Você está aqui neste momento porque você está recebendo uma grande oportunidade que é a de fazer um trabalho para nós. Portanto, contamos com sua colaboração para que tudo dê certo.

PETER ENCARA O ENTREGADOR DE PIZZAS

PETER (CONT'D)

Você está usando um colete que contém em torno de 5 kilogramas de explosivos. Qualquer tentativa de retirada, acionará um dispositivo que resultará na sua auto explosão. Além disso, eu e o Tobias, temos 1 controle que serve para ativar os explosivos a qualquer momento, caso algo dê errado. Então nem pense em bancar o espertinho. PETER COM OLHAR AMEAÇADOR, MUDA PARA UM OLHAR SÉRIO Com relação a sua ajuda. Precisamos resgatar algo que nos pertence. Na Alexander Platz existe um Späti que pertence à uma pessoa chamada Johannes S. Garfunkel. Conhecido como Sr. Garfunkel (vulgo caçador de diamantes).

Ele já é uma pessoa de certa idade, então não será difícil abordá-lo.

PETER MOSTRA UM PEQUENO SORRISO

PETER (CONT'D)

Debaixo do balcão, existe um cofre onde ele guarda uma caixa amarela. Eu preciso que você me traga esta caixa. Você vai entrar no Späti e vai se pronunciar homem bomba. Caso alguém reaja, você irá colocar tudo pelos ares. Mas não se preocupe, eu te garanto que nada acontecerá, desde que você obedeça todas as nossas ordens. Ao final, você será recompensado com uma porcentagem de 10% do que iremos resgatar. PAUSA. É isso. Entendeu bem o plano?

O entregador de pizzas balança a cabeça fazendo um sinal de positivo. Aparenta uma forte vontade de regurgitar.

PETER (CONT'D)
Ok. Agora irei retirar a sua mordança e iremos descer até o carro que nos espera certo?

O entregador de pizzas balança a cabeça novamente fazendo sinal de afirmação. Lágrimas escorrem pelo seu rosto. Ambos deixam o apartamento, o entregador de pizzas segue na frente enquanto Peter o guia com uma Walter P99Q, com o cano encostado nas costas do entregador de pizzas, próximo ao seu pulmão esquerdo. O entregador de pizzas aponta o peito para frente ao sentir o cano pressionando e, de súbito, tranca a respiração.

3. EXT. ESCADA/ CARRO - NOITE

TRANSIÇÃO

Em passos ritmados, descem as escadas estreitas de madeira, atravessam o portão e entram no Trabant de cor vermelho fogo que encontra-se estacionado em frente ao prédio. Tobias da partida no carro e seguem rumo ao Späti da Alexander Platz.

4. EXT. ALEXANDER PLATZ - MADRUGADA

NEVE SOBRE OS CARROS. RUA VAZIA. SOMENTE AS LUZES DO SPAETI E DOS FARÓIS DO CARRO.

Peter, com olhar severo, encara o entregador de pizzas e avisa que está na hora.

O entregador de pizzas desce do carro e caminha a passos apressados em direção ao Späti.

Peter e Tobias observam da janela do Trabant vermelho.

5. INT. SPÄTI - MADRUGADA

O entregador de pizzas entra no Späti e avista o velho Garfunkel, sentado perto do caixa, rodeado de diversos tipos de bebidas e guloseimas, assistindo atentamente à algo que passa na pequena televisão portátil que pousa sobre sua mesa.

São 2 da manhã. O Späti está vazio.

O entregador de pizzas se aproxima do velho Garfunkel, sem criar muito estardalhaço, abre o casaco e mostra o colete com 5 kg de explosivos preso ao seu corpo.

ENTREGADOR DE PIZZAS
(chorando e mostrando o colete)

Me obrigaram a fazer isso. Fui sequestrado. Colocaram este colete em mim. Preciso de uma caixa amarela que o senhor guarda.

O velho Garfunkel, com olhar assustado e em silêncio, faz sinal positivo com a cabeça. Sem reagir, abre o cofre com muita calma e entrega a caixa amarela para o entregador de pizzas que segue correndo em direção ao Trabant.

6. EXT. RUA/TRABANT - MADRUGADA

TRÂNSIÇÃO

O entregador de pizzas, com muita pressa, entra no carro segurando a caixa amarela nas mãos. Olha para Peter e sorri, com uma expressão de vitória e alívio no rosto. Peter olha para o garoto e sorri de volta.

7. EXT. SIEGESSÄULE - MADRUGADA

Tobias aciona o carro em disparada rumo ao Tiergarten. Chegando ao Größerstern, Tobias estaciona em frente ao Siegessäule (Coluna da Vitória).

Sob o olhar do anjo dourado, Peter pega a caixa e abre-a. Dentro da caixa, apenas alguns documentos e fotos. Dentre os documentos, a certidão de nascimento de Peter onde a filiação descrita sanava a sua grande dúvida: Johannes Stein Garfunkel.

O entregador de pizzas olha confuso. Franze a testa e muda para uma expressão de dúvida e decepção. Uma lágrima escorre o rosto de Peter. Ele olha pelo retrovisor com expressão de raiva.

Peter percebe que sua busca chegou ao fim. Peter não mais se reconhece. Olha pelo retrovisor novamente e ainda avista Tobias. Peter então respira fundo e olha serenamente para o entregador de pizzas.

PETER

Garoto, vou te contar um segredo. Viver é se despedir aos poucos. E o que temos para hoje é o fardo das nossas almas geladas servido em um prato de diamantes.

Peter olha novamente para o espelho do retrovisor e faz sinal de afirmação com a cabeça para que Tobias acione o botão dos explosivos.

Sob o olhar do anjo dourado, pedaços dos dois corpos são arremessados pela pressão da explosão e se espalham pelos jardins do Tiergarten, dando vida ao branco da neve que cobre o parque.

FADE OUT

FIM

Ratos

1. INT. MERCADO BRASÍLIA - DIA

O ambiente é sujo. Moscas voando ao redor e marcas de fritura nos azulejos de cores azul bebê e branco. Faz calor. Em cena aparecem apenas o vendedor de pastéis e os figurantes. Suzane pede que lhe sirva um pastel de avestruz, prato típico da região.

Suzane
Um pastel de avestruz, por favor.
A câmera foca apenas na boca de Suzane enquanto ela dá a primeira mordida.

TRANSIÇÃO:
Black out
2 de Setembro de 2016

Durante o black out aparece a data.

2. INT. METRÔ SÃO PAULO - DIA

Som de pessoas conversando. Algumas caminhando com o passo acelerado, outras em ritmo normal. Suzane caminha em direção ao metrô Barra Funda. Ao entrar no vagão, uma súbita tosse seguida de uma asfixia intensa começa a tomar conta do seu corpo. Suzane começa a ter espasmos pelo corpo que a levam ao chão.

PASSAGEIRO 1
(Levanta rápido em direção à Rosana)

Senhora! Está tudo bem? Senhora!
PASSAGEIRO 2

O que está acontecendo? O vagão tem que parar! Alguém tem chamar uma ambulância. Tem uma mulher passando mal aqui dentro!

O vagão é preenchido pelas vozes dos passageiros. Rosana transpira muito. Sua pele muda de tom. Olhos arregalados. Rosana tosse incessantemente. Desta vez, uma baba esbranquiçada com resquícios de sangue saem de sua boca. O metrô para e Rosana é retirada do vagão. A polícia chega.

Fade in.
TRANSIÇÃO:

3. EXT. CEMITÉRIO - DIA

Angelita caminha em direção à saída do cemitério. Romualdo toca em seu ombro. Angelita desvia.

Romualdo
Entre no carro querida.
(Angelita olha de relance e balança a cabeça concordando)

Romualdo (cont’d)
Vamos para a casa. Tudo vai ficar bem.

Angelita encosta sua cabeça no vidro do carro enquanto observa as árvores passarem rapidamente.
TRANSIÇÃO

Romualdo e angelita descem do carro e entram no prédio.

4. INT. ELEVADOR – TARDE
Romualdo e Angelita entram no elevador em silêncio.

O elevador para no 1ª andar. Angelita olha para Romualdo. Desvia o olhar e encara os ponteiros do elevador.

Angelita
Por que parou?

O elevador é antigo, em madeira com grades que puxam. Romualdo pressiona o botão de alarme. O alarme não toca. O elevador está preso. Um fresta dá para observar o térreo.

Romualdo
Humm. Estranho. Isso nunca aconteceu antes.

Angelita
(Encara Romualdo com olhar de aflita)
O que está acontecendo pai? Você disse que tudo ficaria bem.

Romualdo
Tudo está bem filha. Isso não é nada. Sua mãe lhe deixou muito mal acostumada. Romualdo espia por entre as grades para ver se enxerga o porteiro e começa a gritar.

Romualdo (cont’d)

Seu Pedro! Seu Pedro! Oi!
Estamos aqui trancados no elevador. O senhor consegue nos tirar daqui?

Silêncio.

Romualdo (cont’d)

Seu Pedro!

Romualdo olha para a filha.

Romualdo (cont’d)

Ele não está ouvindo. Bom, ou a gente espera aqui mesmo. Deve ter sido só uma queda de luz. Ou a gente tenta pular para o andar vizinho e sobe o restante de escadas.

Angelita
(Angelita fica ofegante. Respiração forte e longa)
Sair! Eu quero sair pai! Tá me faltando o ar. Eu quero sair daqui agora!

Sem discutir, Romualdo força a grade do elevador para que os dois consigam pular para o térreo e de lá, tentar subir as escadas até o 6ª andar.

TRANSIÇÃO

5. INT. Saguão do prédio – TARDE

Romualdo desce devagar e se posiciona para ajudar Angelita. Uma melodia ecoa baixinho. Angelita desce e senta-se ao chão. Romualdo decide procurar Seu Pedro para relatar o problema.

Romualdo
Me espera aqui. Vou falar com o Seu Pedro pra resolver logo o problema do elevador.

Angelita
(Olhar impaciente)

Humm... Tá né.

Enquanto Romualdo desce os degraus da escada em busca do porteiro a música “Breathe” do Pink Floyd começa a tocar.
A cena é minimalista. Foco nos sapatos. Olhos de Romualdo. A cena é em câmera lenta. Foco nos olhos e testa. Romualdo desce as escadas inexpressivo.
A melodia é interrompida por um forte estrondo na grande porta de entrada do prédio.

Romualdo olha para trás. Certifica-se que Angelita esteja no mesmo lugar. E desce mais alguns degraus.
Subitamente à uma multidão correndo do lado de fora. Romualdo encontra Seu Pedro que está com a cabeça deitada sobre o balcão.

Romualdo
(Finge tentar despertar o porteiro)

Seu Pedro. Acorde! Preciso da sua ajuda com o elevador. Quebrou. Não está funcionando.

Silêncio.
Romualdo percebe que algo estranho está acontecendo. Grita para Angelita.

Romualdo

Angelita! Não desce! Me espera que eu já vou subir. Tem uma manifestação lá fora.
Romualdo desvira lentamente o porteiro. Ele ainda respira.
Romualdo se afasta.

O rosto de Seu Pedro está pálido. Olhos arregalados. Uma baba branca com traços de sangue escorre por sua boca. Novamente um forte estrondo na porta.
Romualdo percebe que existem pessoas tentando abrir a porta e grita para Angelita.

Romualdo

Angelita! Corre! Depressa!
Pelas escadas!

Angelita

O que tá acontecendo? O que tá acontecendo?

Romualdo

Não temos tempo. Eu também não sei. Acho que é esse pessoal da manifestação. Não discute. Ande!

6. INT. Escadas de incêndio – TARDE

Romualdo e Angelita sobem as escadas em passos acelerados. Ambos vão perdendo o fôlego à medida que vão subindo.
Os degraus são estreitos, o que leva Angelita a tropeçar seguidas vezes no meio do caminho.
Um barulho de coisas quebrando começa a emergir.

Romualdo

Estou com as chaves em mão.

Angelita

Então abre a porta logo. Por favor! Eu to com medo.

7. INT. Casa de romualdo/sala – TARDE

Romualdo entra correndo dentro de casa e liga a televisão. Angelita tranca a porta e segue em direção à janela.

Angelita
(aos gritos)

Pai! Vem ver!

Romualdo olha concentrado para a TV. Até que encontra a primeira notícia.

jornalista

O número de mortos desde a semana passada chegou em 55. 241 pessoas apresentam os sintomas que são: Forte tosse, seguida de falta de ar e convulsões. Suspeita-se de que seja um vírus, ainda desconhecido e que o primeiro caso tenha ocorrido em Brasília. O hospedeiro não se sabe ao certo. Mas supostamente tenha vindo de roedores. O contágio possivelmente ocorreu através da inalação da poeira de suas fezes. Agora, uma epidemia se espalha pelo país.

Angelita

Pai!

Romualdo senta no sofá em silêncio.

Angelita (cont’d)

Pai! Tem umas 40 pessoas entrando no prédio. O que a gente faz?

Romualdo senta olha para Angelita. Permanece em silêncio.

Angelita (cont’d)

Angelita (cont’d)

O que eles querem? Você não vai fazer nada? Você disse que tudo ficaria bem. Mamãe morreu e você disse que tudo ficaria bem.

Angelita apoia-se na parede e vai deslizando até sentar-se. Angelita chora.

Romualdo

Já falei que você não deve ficar questionando. Sua mãe lhe deixou muito mal acostumada.
Te mandou pra fazer intercâmbio, daí agora você voltou assim. Uma rebelde.
Angelita para de chorar. Com os olhos arregalados, ela fica em silêncio.

Romualdo

E esse povo aí da manifestação. Bando de arruaceiros.

Romualdo se aproxima da janela e olha para a rua. Sexto andar da avenida Paulista.
Angelita continua ao chão. Sem forças para levantar. O barulho de coisas quebrando fica cada vez mais alto. Algumas vozes ao fundo começam a surgir.

Manifestantes

Traidor! Rato! Traidor!

Angelita começa a tossir incessantemente. Olha assustada para Romualdo.
Romualdo olha para baixo, em direção à Angelita. Inexpressivo.

Angelita volta a ficar sem ar.
Os manifestantes começam a bater na porta.

Manifestantes
Você levou nossa saúde! Rato!

Romualdo
Tá vendo! Isso que dá. Esse povo acha que pode tudo.
Isso daí se chama excesso de liberdade.
Angelita começa a ter pequenos espasmos enquanto tenta
ouvir a fala de Romualdo. Mas tudo começa a ficar turvo.

TRANSIÇÃO
Fade in

Angelita abre os olhos novamente. Já não tem mais con-
sciência.
A câmara são os olhos de Angelita.
A cada piscada de olhos – Fade in- nova imagem.
Romualdo continua em pé enquanto Angelita sufoca ao
chão.
Angelita pisca novamente.

TRANSIÇÃO
Fade in

Angelita abre os olhos.
Há um buraco na porta. Os manifestantes começa a in-
vadir.
Romualdo saca uma arma do seu paletó.

Angelita pisca.

TRANSIÇÃO
Fade in

Angelita abre os olhos.
Romualdo aponta a arma para a cabeça de Angelita.
Os manifestantes invadiram o sala. Mas todos param.
Silêncio.

Angelita pisca.
Som de um disparo.

Black out.

Melodia toca.

8. int. Quarto de hotel - Brasília – dia

Tela branca. A data é 2 de Dezembro de 2015.
Aos poucos, em meio da luz, vão surgindo as imagens de
Romualdo e Suzane.
Romualdo serve um drink à Suzane. Coloca um pó preto
na bebida.
Suzane bebe. Os dois se abraçam.

9. ext. Saguão de hotel - Brasília – dia

Romualdo se despede de Suzana que deixa o hotel.
Suzane entra em um carro preto que à leva em direção ao
Mercado Público de Brasília.

Black out.

FIM

Coletânea de textos produzidos ao longo da disciplina Escrita Criativa: Contos, Poemas e Roteiros.

